

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

**RELATO DE EXPERIÊNCIA: PIBID DANÇA**  
RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA ESTADUAL PRESIDENTE  
ROOSEVELT NO TERCEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Porto Alegre  
2013

**DAISY REGINA DE SOUZA REIS**

**RELATO DE EXPERIÊNCIA PIBID DANÇA:**

RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA ESTADUAL PRESIDENTE  
ROOSEVELT NO TERCEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão apresentado como pré-requisito para conclusão do Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Lisete Anirzaut Machado de Vargas**

Porto Alegre  
2013

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais por acreditarem no meu esforço;  
Agradeço aos meus amigos, que apareceram na minha jornada e que permaneceram até hoje;

Agradeço ao meu avô pelas risadas que me fizeram descontraír;

Agradeço, imensamente, a Comunidade Morada da Paz, que me acolheu no momento que eu mais precisava;

Agradeço aos meus irmãos, tios, sobrinhos, primos e madrinhas, que entenderam os momentos de ausência;

Agradeço à Escola Presidente Roosevelt pelo acolhimento;

Agradeço imensamente à supervisora pedagógica, Siomara Gioda da Rosa, pelo carinho e dedicação;

Agradeço à minha orientadora, Lisete Vargas, por idealizar o curso de dança e acreditar no meu potencial;

Agradeço à professora, Luciana Paludo, pela dedicação à arte e, meu muito obrigado, pelas bagagens recebidas;

Agradeço a todas as professoras, que me mostraram, com dedicação, que podemos vencer nossos obstáculos;

Agradeço a um grande amigo, Álvaro Dimare, que me mostrou que é preciso ter paciência e perseverança nas minhas conquistas e me ajudou muito nos piores momentos;

Dedico esse trabalho a um grande amigo e irmão, que resolveu partir para outro plano, mas que deixou muitas lembranças de nossa infância, que me fez refletir e abraçar essa causa pelas crianças. Só através delas e por elas encontrei o conforto no coração.

Dedico, com muito amor e saudade, a minha Avó, que me ensinou a ser feliz nos momentos mais difíceis, com muitos ensinamentos.

“A arte, um dos grandes valores da vida, deve ensinar aos homens: humildade, tolerância, sabedoria e magnanimidade”. *William Maugham*



## RESUMO

O presente trabalho consiste em um relato de experiência no Projeto PIBID Dança (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência MEC/CAPES) realizado na Escola Estadual de Ensino Básico Presidente Roosevelt, o qual foi apresentado como trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O principal objetivo deste estudo é destacar o processo de inserção da arte da dança no ensino básico, sendo que, de acordo com a Lei nº 9.394/96 a Arte é considerada obrigatória na Educação Básica: *O ensino da Arte constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica*. Para tanto, buscou-se refletir sobre os processos metodológicos trabalhados, a prática da dança no contexto escolar e suas relações com a formação oportunizada no Curso de Licenciatura em Dança UFRGS; e o impacto do trabalho realizado na comunidade escolar, bem como a formação dos licenciandos bolsistas do PIBID Dança UFRGS, questões estas que são fundamentais para este estudo. Importante ressaltar que este relato de experiência se pautará por diferentes tipos de informações como registros nos planejamentos, planos de ensino, anotações realizadas após cada aula, registros em fotografia e vídeos, além de depoimentos de alunos, professores e pais. Outros pontos interessantes de serem evidenciados no presente relato são o histórico do PIBID-DANÇA, a experiência de se trabalhar com as danças populares no contexto escolar, culminando com a montagem de um espetáculo .

Palavras-chave: Formação de professores Pibid-dança. Licenciatura em Dança. Relato de experiência na escola. Ensino da dança na escola.

## ABSTRACT

This paper reports an experience in Project PIBID Dance (Institutional Program Initiation to Teaching grant) held at the State School of Basic Education President Roosevelt. Highlighting this experience in formal school education, with the aim that the insertion of the art of dance in education. According to Law No. 9.394/96 Art is considered mandatory in Basic Education: Teaching the Art curriculum component will be required at all levels of education. This arises the need to train teachers of dance. This study consists of an experience report for work Completion of the Undergraduate Program in Dance from the Federal University of Rio Grande do Sul Dance aims to be a multidisciplinary activity , introducing and integrating the individual into the culture and artistic body movement thus, professionals trained in college Dance will be exploited in order to conceive the human being in all its dimensions : cognitive - body - affective - ethics - aesthetic relation intra and interpersonal and social inclusion , with the aim of transforming these children .

So thinking that the action of PIBID Dance comes to foster and encourage this higher education degree in professional dance and still allow a profound transformation, further expanding the playing field, through that experience, taking the choice of degree by the end graduation. This whole project was only possible after the creation of Bachelor of Dance UFRGS, their goals, were held from this exchange between institutions and educators aware of this transformation qualification course. This whole experience was essential to build the action and know that must be worked steadily in the classroom.

Keywords: Teacher PIBID - dance. Degree in Dance. Reporting experience in school. Dance education in school .experience f hi paramount to a build uction of the act and know that must be worked steadily in the classroom.

**KEYWORDS:** Teacher training Pibid-dance. Degree in Dance. Reporting experience in school .Teaching dance in School.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
1.1 TEMA.....	8
<b>2 OBJETIVOS .....</b>	<b>10</b>
2.1 OBJETIVO GERAL .....	10
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	10
<b>3 JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>11</b>
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>14</b>
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	14
<b>5 MINHA HISTÓRIA DE VIDA.....</b>	<b>16</b>
<b>6 HISTÓRICO PIBID/DANÇA .....</b>	<b>21</b>
6.1 PIBID-DANÇA.....	22
<b>7 DANÇA NA ESCOLA.....</b>	<b>23</b>
7.1 PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL .....	24
7.2 A ESCOLA E SEU CONTEXTO .....	26
<b>7.2.1 Continuidade/projeto na escola.....</b>	<b>29</b>
7.3 PLANEJAMENTO .....	31
<b>8 AULAS UMA LINGUAGEM CORPORAL E POPULAR. ....</b>	<b>38</b>
8.1 A MONTAGEM .....	45
8.2 APRESENTAÇÃO/IMPACTO .....	49
8.3 DEPOIMENTOS .....	50
<b>9 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>54</b>
<b>APÊNDICE A - PLANOS DE AULA.....</b>	<b>56</b>
<b>APÊNDICE B - FOTOS DO PROCESSO.....</b>	<b>64</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A inserção da dança no currículo na disciplina de Artes na rede Estadual de Ensino é um acontecimento de fato relativamente recente, contando com poucas iniciativas estudadas. A partir desse contexto, o presente trabalho tem por objetivo geral refletir sobre o trabalho realizado com a dança no terceiro ano do ensino fundamental na Escola Estadual de Educação Básica Presidente Roosevelt dentro do projeto PIBID/UFRGS dança.

### 1.1 TEMA

O presente trabalho tem como tema pesquisar sobre a inserção da arte da dança na escola pública da rede Estadual de Ensino. A partir desse contexto temos como objetivo refletir sobre o trabalho realizado com a dança inserida no currículo escolar em uma turma de terceiro ano do ensino fundamental na Escola Estadual de Educação Básica Presidente Roosevelt dentro do projeto PIBID/UFRGS Dança.

A escola Presidente Roosevelt até o ano de 2012 não tratava a dança como atividade curricular e raramente como atividade extracurricular. Para isso o PIBID Dança desenvolveu um projeto especial que foi trabalhado metodologicamente e registrado ao longo de todo processo de intervenção, culminando com um espetáculo apresentado para a comunidade escolar.

A elaboração deste relatório servirá como fonte para o conhecimento dos demais licenciandos e registro de uma experiência docente de Dança como componente curricular para todos interessados no tema. O PIBID é uma fonte significativa para termos certeza de que a docência é realmente o caminho que queremos seguir no futuro próximo.

É muito lindo e fascinante quando estamos, enquanto alunas, dentro da universidade aprendendo a ensinar, mas quando chegamos à prática a coisa muda de figura. Os desafios vão se tornando mais fortes, as dificuldades são incrivelmente maiores, o processo é muito mais difícil. Participar de projetos e de estágios de docência é de suma importância, pois colocam nossos aprendizados em ação. O

momento em que estamos dentro da instituição escolar é culminante para se por em prática esses conteúdos tão abordados em sala de aula.

Consoante Marques (2012), a escola oportuniza o acesso à dança, bem como continuidade, ampliação, organização, inter-relação, crítica, compromisso e transformação.

A escola oportuniza acesso à dança. A escola garante continuidade de projetos de dança. À escola cabe a ampliação de conhecimentos na área de dança. Historicamente é papel de a escola organizar currículos em que a dança esteja presente. A escola é o lugar por excelência para que inter-relações críticas e transformadoras ocorram de forma compromissada entre a dança, o ensino e a sociedade. (MARQUES, 2012 p.58).

## 2 OBJETIVOS

Objetivos do PIBID-Dança – séries iniciais é compreender o mundo profissional, através de experiências e interação, entre teoria e prática; escola estadual ensino básico presidente Roosevelt.

Esse intercâmbio entre saberes e práticas da escola, da universidade a partir da interação entre professores em formação e docentes da rede estadual;

Dando-lhes assim uma oportunidade aos futuros professores de dança sua participação ativa e cooperativa em experiências metodológicas, relacionadas ao ensino de artes, que permitam a reflexão sobre ensino de dança numa perspectiva global de educação.

### 2.1 OBJETIVO GERAL

Relatar e refletir sobre o processo de inserção da arte da dança como componente curricular no terceiro ano do ensino fundamental, através do projeto PIBID DANÇA UFRGS, na EEEB Presidente Roosevelt.

### 2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever o processo de inserção da arte da dança através do PIBID DANÇA UFRGS nessa escola;
- Refletir sobre os processos metodológicos trabalhados, a prática da dança no contexto escolar e suas relações com a formação oportunizada no Curso de Licenciatura em Dança UFRGS;
- Relatar a intervenção realizada, a experiência vivida na docência de dança na turma de terceiro ano do ensino fundamental e a contribuição da professora supervisora e demais agentes da escola;

### 3 JUSTIFICATIVA

Quando entrei na Universidade estava claro que o curso serviria para a minha qualificação docente e que, no meu entendimento, isso seria a base teórica para minha atuação como professor licenciado em dança. Mas de fato essa noção de estar dentro da sala de aula é muito distante, não é palpável no sentido de estar mais presente. Isso só ficou claro quando coloquei os “pés na escola”.

Mesmo vindo de uma educação escolar comunitária das antigas “creches”, que eram chamadas as escolas infantis de hoje, tendo todo esse caminho de aprendizado sabia que o que eu queria era trabalhar com crianças, mas como e onde não tinha certeza.

Fazer algo, modificar o meio, entendo que só é possível quando estamos inseridos no contexto. Nesse sentido, interessa-me saber o que realmente significa para os alunos a dança no horário escolar, como vem acontecendo sempre com outros componentes curriculares. Através dos relatos pude constatar que a arte é parte significativa de qualquer processo de educação.

As pessoas são diferentes e diferentes também devem ser os processos de formação proporcionados pela educação. [...] por meio da prática da dança criativa e educativa na escola, poderemos desenvolver outras atitudes, proporcionando aos alunos e alunas um melhor desenvolvimento com relação aos aspectos educativos, primordialmente, motores, afetivos, sociais e culturais, por meio de uma atividade que se constatou ser tão prazerosa e natural para as crianças e adolescentes. (VARGAS, 2007 p.11).

Existem muitas coisas dentro do meio artístico que se constitui no desconhecido, na falta de informação, o que faz com que algumas pessoas não desejem a profissão de professor, entretanto, valorizam e desejam ser somente bailarinos conceituados e reconhecidos. No Brasil ainda são insuficientes os investimentos na cultura e na arte, o próprio fato de dançar e querer viver de arte já é um grande desafio.

Creio que muitos professores, e não somente de dança, se identificarão com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, e aqueles que não conhecem a abertura que a faculdade possibilita ao egresso como atuante no ensino escolar têm a oportunidade de se inserir no projeto e atuar em escolas públicas. E esse é um dos meus maiores desejos, mostrar que podemos atuar como professores através da formação em cursos de Licenciatura em Dança. Na UFRGS este curso é recente, mas cada um deve seguir sua profissão sendo na dança ou outra área, lembrando que isso é uma escolha pessoal. No entanto, reitero ser professor não tem menos valor do que ser um bailarino de uma companhia profissional.

Assim, o que pensamos é transformar a Dança no que realmente se acredita. Movimentar-se, tendo significado para quem dança, não apenas para quem assiste. “Para os praticantes, a apresentação ao público é o momento em que a realidade se faz diferente e a fantasia de ser artista deixa-os muito orgulhosos, assim como familiares, professores e professoras, e a toda a comunidade.” (VARGAS, 2007 p.10).

Essa pesquisa busca significado ao mostrar tanto para docentes quanto para profissionais da área de dança que existe uma dança dentro de cada um, ou seja, que é possível todos dançarem, que a dança é tão importante para o desenvolvimento do ser humano quanto qualquer outra atividade cotidiana básica, em nível de alma e corpo.

Uma das dificuldades comumente enfrentada no meio escolar está especificamente relacionada à falta de espaço físico para o desenvolvimento das aulas com a qualidade que desejamos e a falta de conhecimento dos demais professores sobre a inserção da dança no currículo escolar na área de artes. Muitas vezes a informação bate como se tivéssemos invadindo o espaço escolar sem ao menos avisar que estaremos presentes, pois só se lembram da dança em momentos comemorativos, em datas do calendário escolar ou em feriados.

Somente conseguiremos transformar esta realidade com motivação, formação adequada e trabalho. Para mudar o que as pessoas pensam precisamos interagir



com elas, mostrando novos caminhos a seguir, ou seja, incentivando o diferente, o novo, podemos realizar uma mudança no meio em que a maioria dos professores vive, pois a maior parte de suas vidas é diariamente dentro da escola.

Sob esse ponto de vista, ao me inserir em uma escola como docente de dança, antes de vivenciar e enxergar somente os problemas e as carências pode-se e deve-se partir do que a escola tem a oferecer de melhor. Mesmo que a princípio pareça mais prático identificar aspectos problemáticos do que ver espaços reveladores de nossas próprias ações. O mais significativo é trazer o que está acontecendo nas aulas e ir se articulando e costurando os saberes de sala de aula da Universidade para por em prática o que foi aprendido na teoria com seus alunos da escola formal.

## 4 METODOLOGIA

### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa caracteriza-se como um relato de experiência. É um estudo descritivo de cunho qualitativo. Para Bauer e Gaskell (2002) a pesquisa qualitativa pode se caracterizar por evitar números e lidar com interpretações das realidades sociais. Ao contrário da pesquisa quantitativa, que geralmente lida com números e usa modelos estatísticos para explicar dados.

O relato de experiência se pautará por diferentes tipos de informações:

- Registros nos planejamentos;
- Planos de ensino;
- Anotações realizadas após cada aula, nos relatórios de observação;
- Registros em fotografia e vídeos;
- Depoimentos de alunos, professores e pais.

Segundo Valle o movimento corporal efêmero do dia a dia das aulas de dança não deixa um vestígio concreto. Para isso buscamos utilizar recursos audiovisuais sejam por meio de vídeos ou fotos. Ainda assim, temos criado estratégias para lembrar e afirmar o que foi trabalhado em movimento, como solicitar aos alunos - individualmente ou em grupos - que registrem no final de algumas das aulas “o que foi feito”. Esses registros escritos da aula estão sendo importantes para perceber o ponto de vista dos alunos sobre as práticas e para marcar concretamente o que foi feito. (VALLE, 2013, p. 103).

Ainda afirma que a dança pode se inserir nessa dinâmica de cumprir tarefas escritas sentados em suas classes e como ela rompe com isso através das suas práticas. Incentivar os alunos a falar o que sentiram, pensaram e/ou não entenderam parece ser também uma lógica inversa do que eles estão acostumados, mostrando um

novo tipo de possibilidade de escrita. [...] Entrar na lógica escolar, mas também burlá-la tem sido um jogo do qual temos nos apropriado. (VALLE, 2013, p. 104).

Segundo Vargas, somente os conhecimentos didáticos e pedagógicos também não garantem uma boa aula de dança. O conhecimento específico do movimento e suas diferentes abordagens técnicas e artísticas são de suma importância para o trabalho. Existe uma série de códigos, nomenclaturas, técnicas e diversas perspectivas do movimento que deverão ser conhecidos e utilizados pelo professor de Dança. (VARGAS, 2013, p. 119).

Entendo esse modo de preparação como um dos princípios fundamentais de ser um professor de dança. Devo e tenho a necessidade de estar sempre me atualizando, pelo fato não somente de lidar com esse tipo de nomenclatura, mas sim de que na dança há muitos códigos que muitas vezes necessitamos relembrá-los, pois se não estamos utilizando acabamos esquecendo rapidamente, é como cultivar um poema se não treinarmos ele acaba-se esquecido numa folha de rascunho.

## 5 MINHA HISTÓRIA DE VIDA: UMA ESCOLHA ACADÊMICA

Falar o que somos hoje é muito fácil, mas falar das experiências vividas e revisitar o passado e abrir coisas que ainda hoje mexem com a gente, aos poucos quando se damos conta, realmente notamos que a gente só faz parte daquele lugar ou daquele momento porque antes algo aconteceu isso faz parte de cada história aqui relatada nesse trabalho.

Desde pequena soube e sentia que a arte fazia parte constantemente da minha vida, mas isso só foi acontecer quando me dei conta que na casa de minha Vó materna isso acontecia o tempo todo, pois ela tinha uma casa de religião afro-brasileira aonde acontecia suas festas e desenvolvimento social com muitas crianças do bairro e eu fui vivenciando isso todos os dias da minha infância, o gosto por dançar em roda, escutar música e batucar no tambor foi devido a esse conhecimento que na infância acontece sem percebermos o que é importante para uma criança isso e graças a essa guerreira eu passei minha maior parte criança tendo esse contato direto com o meio popular, que é o que mais adoro trabalhar com meus alunos. Minha Vó me ensinou um caminho de sabedoria e respeito por aquilo que realmente acreditamos como arte e vida, nos momentos mais difíceis a gente era unidas e por mais difícil que naquela época foi viver, ela me ensinou a ser feliz, por isso faço a arte porque é o que de melhor sei fazer.

Com toda essa “bagagem” de experiência fui me desenvolvendo nas antigas escolas chamadas creches, aonde convive com muitas crianças da minha mesma classe social e cor, uma creche que não importava se você tinha dinheiro e sim se você queria desenvolver sua criatividade, essa escolinha foi fundada pela minha mãe e uma amiga dela a tia Vilma Mendes e isso impulsionou minha mãe a fazer o concurso da prefeitura de Viamão aonde moramos até hoje e na próxima escolinha Luciana de Abreu já estávamos lá outra vez vivenciando coisas que até hoje lembro, como a música sobre lavar as mãos. Até hoje ainda encontro colegas meu da creche e todos a partir dessa experiência se desenvolveram muito na vida.

Por isso acredito muito que somos sujeitos de nossas ações, quase tudo depende do caminho que queremos seguir, foi então que na minha escola não tinha

nada de arte, nem música nem dança. Então resolvi estudar tudo isso na escola de minha mãe, já que ela trabalhava em outra escola que tinha tudo isso e nessa época eu era já fascinada por isso, entrei na banda Marcial da Escola Alberto Pasqualine e alguns anos depois surgiu o grupo de dança que fiquei por uns bons anos, até ter completar a idade de 16 anos quando tive que sair da escola, pois já tinha terminado meu ensino médio, tinha que trabalhar ser adulta.

Mas eu não contente de que iria ficar longe das artes resolvi fazer um teste no ano de 2005 para escola de teatro Terreira da tribo, ficando lá por dois anos e a partir disso não parei mais de atuar no teatro até minha entrada na Universidade. Recomendo muito fazer todas as áreas porque só assim saberás se sabe dançar ou cantar ou atuar, mas também que podemos fazer tudo, quando se tem força de vontade, perseverança e respeito pela arte.

Depois de todas essas experiências entre música, teatro e dança, percebi que era o que realmente queria como profissão resolvi fazer alguns vestibulares para outras áreas humanas e duas vezes para o teatro, mas foi então que surgiu a dança na UFRGS que acabei por força do destino fazendo, porque meu ex marido Sandro Fernandes que na época foi um grande companheiro e amigo, por ter participado de tudo isso e me incentivando sempre, já que tinha me conhecido na época da terreira da tribo, sabia que eu era fascinada por aquilo.

Então venho o resultado do vestibular de dança e continuei seguindo esse caminho em costurar as artes e sabia que no fundo do meu coração a paixão pela dança já existia só não tinha certeza que era esse caminho, partir disso tudo encontrei muitos amigos que também acreditavam nisso tudo, comecei a trabalhar no projeto mais educação um ano antes de entrar no PIBID, por isso acredito que me sentia capaz de fazer parte desse projeto já que tinha outra experiência, assim surgiu o convite da professora Lisete.

Mas não me contendo com isso tudo, resolvi ampliar meus conhecimentos de dança popular entrando como professora de dança e amiga da arte em uma comunidade quilombola chamada Morada da Paz em Triunfo, onde estou até hoje agora trabalhando no ponto de cultura deles. Porque não podemos deixar parar a arte, pois ela só tem vida quando reacendemos isso no meio em que convivemos cultivar faz parte significativamente dessa transformação do indivíduo, só vai valer

apena quando todos tiverem consciência de que a arte transforma qualquer pessoa por mais vulnerável que esteja.



Acervo pessoal.





Acervo pessoal.



Parada de Rua em comemoração aos 28 anos da Tribo de Atuadores Oi Nóis Aqui Traveiz  
Fotos de Carlos Sillero



Acervo pessoal.



## 6 HISTÓRICO PIBID/DANÇA <sup>1</sup>

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (MEC/CAPES) é uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica. O programa concede bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência desenvolvida por Instituições de Educação Superior (IES) em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino.

Os projetos devem promover a inserção dos estudantes no contexto das escolas públicas desde o início da sua formação acadêmica para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas sob orientação de um docente da licenciatura e de um professor da escola.

### **Objetivos do Programa:**

- Incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica;
- Contribuir para a valorização do magistério;
- Elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica;
- Inserir os licenciados no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem;
- Incentivar escolas públicas de educação básica, mobilizando seus professores como conformadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério; e.

---

<sup>1</sup> Pibid - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid>. Acesso em: 15 dez. 2013.

- Contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura.

### **Como funciona:**

Instituições de Educação Superior interessadas em participar do PIBID devem apresentar à Capes seus projetos de iniciação à docência conforme os editais de seleção publicados. Podem se candidatar IES públicas e privadas com e sem fins lucrativos que oferecem cursos de licenciatura.

As instituições aprovadas pela Capes recebem cotas de bolsas e recursos de custeio e capital para o desenvolvimento das atividades do projeto. Os bolsistas do PIBID são escolhidos por meio de seleções promovidas por cada IES.

### **Modalidades de bolsa**

A Capes concede cinco modalidades de bolsa aos participantes do projeto institucional:

1. **Iniciação à docência**
2. **Supervisão**
3. **Coordenação de área**
4. **Coordenação de área de gestão de processos educacionais**
5. **Coordenação institucional**

#### **6.1 PIBID/DANÇA**

O PIBID-Dança é um subprojeto de atuação docente "Dança na Educação Infantil e Séries Iniciais e Finais da Educação Básica", como parte do Edital 2011 que iniciou no ano de 2012, e compõe o projeto maior PIBID/UFRGS. O Programa conta com dez alunos bolsistas e uma professora coordenadora do Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Através da Pró-reitoria de Graduação, da Coordenadoria das Licenciaturas e da Coordenação Institucional do PIBID da UFRGS acercamo-nos das escolas conveniadas e

elegemos aquela que acreditamos que seria um campo de trabalho bastante importante principalmente pela proposta pedagógica em consonância com nosso projeto e ainda por seus recursos humanos e de infraestrutura.

Conhecendo a escola e a supervisora que nos acompanharia no projeto, readequamos o planejamento inicial, ouvimos os demais participantes e traçamos nossa ação, pois pensamos que, por mais que planejemos sempre algo no percurso irá influenciar nossa intervenção, tornando-se necessário e importante considerar. (VARGAS, 2013, p. 117, 118).

## **7 DANÇA NA ESCOLA**

Este trabalho propõe-se a relatar como a dança esta sendo abordada nas escolas como um processo de desenvolvimento docente, ou seja, como essas escolas estão preparadas para nos receber. A partir de então, a imersão da dança na escola está ligada diretamente no fazer como todo, o quanto a escola esta preparada, ou se está se preparando para a nova significação da dança no contexto escolar.

O diferencial de um trabalho reconhecido é o quanto as pessoas se tornaram dedicadas ao seu desenvolvimento, por outro viés as pessoas são responsáveis por tudo que o compõe. A imersão e inserção da dança na escola a partir da formação acadêmica específica é um dos propósitos do PIBID/Dança UFRGS. É uma das formas mais eficientes e integrativas de um trabalho consistente e consciente que contribui na formação de licenciandos de dança.

Até então as escolas não estavam preparadas para esse trabalho que modificou a estrutura docente e o jeito de como os colegas e professores nos olhavam e tratavam. Mas isso porque eles também estão se adaptando a esse novo contexto.

Acredito que a tendência é que tenhamos mais concursos para a dança entrar de vez no currículo escola e aí sim seremos tratados com respeito, devido à dança não ser tão valorizada como qualquer outra matéria exata da escola. As pessoas não entendem que uma coisa leva a outra, mas que tudo acaba fazendo parte de um

todo, porque a escola não anda sozinha ou somente com uma área de conhecimento e sim com todos fazendo parte desse meio.

Entretanto, para compor um espaço de trabalho deve-se levar em conta, a princípio, que tipo de ambiente se está inserido, entender qual a proposta da escola, conhecer a coordenação e o corpo docente.

Ao iniciar em um ambiente como uma escola, devemos ter em mente, primeiramente, que estamos adentrando em um espaço complexo. Para o qual, não há uma “receita de bolo”, indicando qual a melhor forma, metodologia para uma inserção de qualidade. No entanto, as experimentações vão dando base e segurança ao professor que, com o tempo, vai desenvolvendo seu próprio método e identidade na forma de um produto.

Para falar em educação é necessário estudá-la, conhecê-la, questioná-la e haver sido preparado para que os resultados atingidos sejam positivos. Sair da questão apenas técnica da repetição de passos e passar à qualificação. Por isso se faz tão necessária à formação específica do profissional de dança nos dias atuais. (VARGAS, 2007 p.80).

## 7.1 PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL

A educação na escola e as suas relações sociais é um dos temas de discussão bastante complexo dentro da instituição escolar, que por sua vez merecem uma reflexão cuidadosa. Muitas coisas estão sendo revistas mesmo que aparentemente não sejam percebidas, algumas iniciativas públicas estão sendo tomadas, mudanças estão ocorrendo, mesmo que para o senso comum isso possa não ser “visível”.

Neste trabalho, não vou abordar todas essas questões que são temas que mexem no nosso cotidiano escolar, mas nos deixam preocupados em relação ao discurso sobre a escola. Para Imbernón (2011, p. 33 *apud* CORRÊA, 2012, p. 33) “A função de ‘propor valores’ é uma tarefa educativa complexa e às vezes contraditória, já que não se obterá a formação dos indivíduos unicamente com a interação social, que apresenta aspectos muito problemáticos em uma sociedade pluralista”. Por isso, a formação “[...] será obtida tendo também como referencia pontos de caráter ético, inerentes à natureza humana, nos quais coincidimos com outros agentes sociais que

incidem nessa proposição de valores” e não somente no campo escolar e em relação com os professores. Para Arendt (2000, p. 246 *apud* CORRÊA, 2012, p. 33),

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto salvá-lo da ruína que seria inevitável se não fosse à renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las os seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreende alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para atarefa de renovar um mundo comum.

Muitas pessoas diferenciam o professor de dança do professor de outra área, ou seja, que os papéis são diferentes: o do educador e do artista, mas todos somos educadores, de forma diferentes, mas passando sempre o nosso conhecimento. A educação não esta somente na escola ou nos projetos sociais em que a Dança se insere e sim aonde eu gostaria de chegar com ela e ampliá-la.

A escola é um dos maiores meios sociais que todo tipo de público pode atingir desde o corpo docente ate a comunidade escolar e pessoas ao seu entorno e bairros mais próximos. Nessa perspectiva, a educação é muito mais ampla. Sobre isso, Marques (2012, p. 1 *apud* CORRÊA, p. 33), Ressalta:

Tendo como principio que educar não se resume a ensinar, a educação tampouco não se restringe aos processos de ensino de aprendizagem articulados pela relação professor/ aluno. Ao Considerarmos dança e educação como campo híbrido de conhecimento, estaremos também diante de todos os profissionais da dança envolvidos no cenário social de produção dessa arte (artistas, críticos, produtores, dramaturgos, iluminadores, curadores etc.) atuando como educadores, não necessariamente como professores.

As escolhas metodológicas influenciam muito no trabalho realizado com os educando. A questão do fazer se relaciona com o ensino de dança no mundo contemporâneo, fazendo-nos refletir sobre esse fazer, conseqüentemente sobre os modelos pedagógicos e os perfis docentes em sala de aula. Isso me faz relacionar à contribuição de Rudolf Von Laban (Grande teórico do séc. XX, tendo atuado na Dança como bailarino, professor e coreógrafo), um dos pesquisadores mais influentes para o ensino da Dança a partir da década de 1940, cujos ensinamentos são válidos até hoje, pois continuam influenciando de alguma maneira a maioria dos professores de Dança, sendo uma das figuras ilustres da dança mais comentada e estuda na graduação. Assim até hoje contribui enormemente para as áreas de

Dança, Teatro, Psicologia, Antropologia, Sociologia, Saúde, Comunicação, Indústria-para citar algumas (MARQUES, 2010, p. 65-66 *apud* CORRÊA, 2012, p. 70). Nas áreas de Artes Cênicas e Educação, especialmente, suas pesquisas foram “abraçadas” e disseminadas por todo o mundo.

## 7.2 A ESCOLA E SEU CONTEXTO

Marques (2012) enfatiza que a escola é um bem público, a escolarização é obrigatória, a educação é um direito garantido por lei. A função social da escola é primordialmente estabelecer relações com o conhecimento e, por isso, promover acesso universal a ele, por direito. Dessa forma, cabe também à escola dar acesso à dança, forma de conhecimento, linguagem artística. Cabe à escola dar acesso à dança como *arte*. Em outras palavras, a dança e seu ensino acabam sendo *meios para* e não importantes em *si*. (MARQUES, 2012, p. 59).

A Escola Estadual de Educação Básica Presidente Roosevelt está situada na Rua Botafogo, nº 396, Bairro Menino Deus. A escola foi fundada no dia 06 de fevereiro de 1918 com o nome de Grupo Escolar “13 de Maio”, cujas instalações situavam-se na Avenida 13 de maio, atual Avenida Getúlio Vargas, em prédio onde se encontra hoje a Avenida Ganzo. Dois anos após a sua fundação passou a chamar-se Escola Elementar, voltando em 4 de 1938. Com a reforma do ensino, a denominar-se Grupo Escolar.

No ano de 1941, o estabelecimento foi transformado em escola Experimental em 4 de julho de 1945, passou a chamar-se escola experimental “Presidente Roosevelt”, em homenagem ao grande estadista norte-americano.

Em 1957, a escola mudou-se para a Rua Botafogo, nº 396, local que permanece até hoje. Nesse local, além da escola experimental Presidente Roosevelt, foi criada em 22 de agosto de 1962, a Escola estadual de 2º Grau Infante Dom Henrique, que funcionou neste prédio até 1971, quando se mudou para o atual prédio na Rua Gonçalves Dias.

Em 30 de maio de 1978, a Escola Experimental Presidente Roosevelt passa a chamar-se Escola estadual Presidente Roosevelt. No ano de 2000, por orientação da

Secretaria de Educação, altera a designação passando a denominar-se Escola Estadual de educação Básica Presidente Roosevelt.

A escola tem 91 anos de existência e no decorrer desse tempo teve 27 diretores. Atualmente, é dirigida pela professora Rosângela Soletti e conta com um corpo discente em torno de 1387 alunos. O atendimento à comunidade é feita em três turnos, oferece educação Infantil, Maternal e Jardim de Infância, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Médio na Educação de Jovens e Adultos. (SOLETTI, Rosângela. Projeto Político Pedagógico da EEEB Presidente Roosevelt, acesso em dez 2012).

Atualmente a escola esta contando com um corpo docente de 58 professores e 16 funcionários. A Escola Estadual de educação Básica Presidente Roosevelt é a maior e mais antiga escola do bairro Menino Deus, atendendo alunos oriundos de vários bairros da cidade, o que tem alterado a relação da comunidade com a escola. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais:

Aprender arte é desenvolver progressivamente um percurso de criação pessoal cultivado, ou seja, alimentado pelas interações significativas que o aluno realiza com aqueles que trazem informações pertinentes para o processo de aprendizagem (outros alunos, professores, artistas, especialistas), com fontes de informação (obras, trabalhos dos colegas, acervos, reproduções, mostras, apresentações) e com o seu próprio percurso de criador (BRASIL, 1997, p. 35).

Além disso, no contexto contemporâneo de educação é necessário um investimento e comprometimento por parte dos professores, diretores, pais e funcionários para que com as carências e as dificuldades do sistema escolar consigamos romper os desafios e construir um novo olhar em direção a esta escola contemporânea, pois está no próprio seio escolar as suas demandas e comprometermos. Além do fato disso enriquecer pedagogicamente esses profissionais, preparando-os para novas fases, nesse denso meio escolar.

[...] o quadro educativo constitui a pedra angular da escola, já que é ele que assume concretamente as missões de instrução, de socialização e de qualificação dos alunos. Sem ele, sem seu trabalho sobre e com os alunos, a escola nada mais é do que uma enorme concha vazia. Neste sentido, estudar o trabalho dos agentes educativos é, pois, esforçar-se para penetrar no coração mesmo do processo de escolarização tal como ele se realiza em sala de aula e nas escolas (TARDIF; LEVASSEUR, 2011, p. 13apud CORRÊA 2012, p. 36).

Entendo que as atitudes dos indivíduos que ocupam o meio escolar são aquelas pessoas que ressignificam aquele ambiente, que para eles aquele lugar significa o seu espaço naquele momento. Assim posso pensar o papel que desempenho como cidadã e professora procurando agir sobre o ambiente que existe ou trabalhar por melhores condições e não esperar que mude somente no futuro, idealizando algo que só existe em uma esperança passiva. Mas também posso partir do que eu possa fazer buscar novas possibilidades que eu mesma crie para agir nesse ambiente, ou seja, das possibilidades que o contexto me oferece, e não das barreiras ou impossibilidades que eu mesma crio para não agir nesse contexto escolar.

Uma dificuldade que acredito ter em muitas escolas é a questão de salas apropriadas para dança, no entanto na escola Presidente Roosevelt esse fato era muito bem resolvido, pois por ser uma escola de estrutura antiga, ela é bem dividida, tínhamos uma sala de aula cedida para que somente a dança usasse no mesmo corredor das salas do ensino fundamental, assim facilitando o deslocamento, mas devido à demanda de serem dez bolsistas, as meninas do jardim usavam a sala das próprias crianças e quando havia colisão de horários, tínhamos dois auditórios: um servia para reuniões e o outro para darmos a aula de dança.

Mas é claro que, eu tendo transitado por outras escolas, vejo que a Presidente Roosevelt está muito bem e se preparando para essa nova demanda de mercado profissional, e fico muito feliz por ter me engajado neste projeto, que até então a dança não estava inserida. Acredito que porque o trabalho do PIBID na dança é de fato muito recente, a dança só foi inserida nesta escola após a entrada do projeto do Curso de Licenciatura em Dança da UFRGS no ano de 2012.

Somente teremos resultado positivo em um determinado projeto quando temos comprometimento com aqueles que o desenvolvem, observo que na escola o que falta é a visibilidade da dança. Acredito profundamente que somente seremos respeitados e cuidados por um meio onde acreditarem de verdade que a dança é capaz de modificar um ambiente e a relação desse ambiente com o todo.

Somente dá certo um projeto escolar quando todos estão conectados, acreditando que são capazes e colocam o corpo e a mente a trabalhar por um bem comum. Cuidar a escola, acreditar em suas capacidades e principalmente acreditar



que através dela as crianças serão capazes de mudar o seu meio social e modificar-se a si próprios.

Segundo Strazzacappa (2010, p. 21), a realização de projetos de ensino de dança em escolas deve ser incentivada, uma vez que a escola é uma instituição reconhecida pela comunidade e que tem infraestrutura física básica para sua concretização (salas de aula e aparelho de som). Porém, para evitarem os riscos trazidos pela realização de projetos isolados, as escolas deveriam definitivamente incorporar o ensino de dança em sua grade curricular. **Urgem o reconhecimento do ensino de arte como atividade curricular escolar e a contratação de profissionais especializados.** A LDB é clara ao situar ensino de arte como componente curricular na educação básica, reconhecendo a importância das quatro linguagens artísticas: Artes visuais, a dança, teatro e música.

### 7.2.1 Continuidade/projeto na escola

Os alunos vão, a escola fica. A gestão muda, os professores permanecem. [...] os professores saem, as aulas e os programas continuam. Há uma continuidade dos trabalhos desenvolvidos pelas escolas é garantido por Lei, as propostas de ensino, pelos de currículos e programas. Ao contrário de muitos programas sociais ou até mesmo governamentais fora da escola, nas escolas públicas, salários não falham o calendário não muda inadvertidamente, a verba não acaba e patrocínios não são retirados. Por essas razões, a dança na escola não mais um episódio assessorio e divertido que poderá ser substituído por outra moda, por outra vontade dos patrocinadores, por outro interesse passageiro dos alunos. (MARQUES, 2012, p. 60).

Essa continuidade que a autora fala é um dos maiores privilégios que uma escola pública possa fazer a sua comunidade, de poder acompanhar o desenvolvimento e o crescimento desses alunos, de rever e avaliar projetos ao longo dos anos, com diferentes e diversas turmas, um grande privilegio de amadurecer e aprimorar propostas e ações pedagógicas junto à equipe escolar e a comunidade. “[...] A Continuidade é um dos primeiros passos para a construção de relações que

não sejam efêmeras ou vazias, mas sim críticas, dialógicas e éticas e, sobretudo, historicizadas.” (MARQUES, 2012, p. 61).

Acreditamos por vezes que através dessa continuidade de processos de ensino e aprendizagem nos traz a possibilidade de ressignificar muitas histórias, como as histórias das danças, as histórias dos professores, as histórias dos alunos e as histórias das instituições desse processo ensino- aprendizagem.

Assim essa possibilidade de continuidade de projetos e programas na escola nos possibilita que o passado dialogue com o presente e é também um espaço de vivências e de experiências presentes, para que há possibilidades de se intercalarem com o planejamento em projetos futuros. O único risco é a continuidade virar sinônimo de imobilidade, de tédio, pois a rotina da escola pode transformar esse potencial de investigação histórica da dança em mera repetição de atividades em dança.

Essa continuidade, caso se dê somente por meio de reprodução de técnicas e códigos do passado, isola os processos, cristalizando os corpos e danças, fazendo com que não se movimente, não dance e não educa. Ao contrario de escola de dança não formal, a escola pública tem a possibilidade e o dever de revisitar o passado (os códigos já estabelecidos) e de propor relações críticas entre histórias e vivencias presentes, de corpos de alunos presentes na perspectiva de abrir diálogos com o futuro. (MARQUES, 2008 *apud* MARQUES, 2012, p. 62).

Vejo, no entanto que no Projeto PIBID/DANÇA essa continuidade esta sendo estabelecidas nesse compromisso com esse acesso e essa inter-relação com a escola, muitas colegas ainda não tiveram a possibilidade de interagir e se integrar ao projeto PIBID, por falta de conhecimento e por ter há pouco tempo à dança vinculada a esse projeto.

Esse projeto esta vinculado ao Capes (Centro de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior). A Capes tem como um dos interesses o acesso e divulgação da produção científica, ou seja, qualificar cada vez mais nos docentes para o mercado profissional de trabalho. Mas acredito que isso será possível se dentro de cada curso, professores e estudantes se organizassem para a uma formação mais eficaz e contínua.

### 7.3 PLANEJAMENTO

O Planejar fez parte consideravelmente de um dos processos mais significantes desse trabalho, pois a partir disso foi abordado o tema central que iria encaminhar nosso desenvolvimento dentro da escola.

Primeiramente se fez um esquema de reuniões pautadas de assuntos sobre dúvidas que surgiram das nossas próprias experiências em sala de aula, o planejar era também o facilitador de questões que emergiam de nossos questionamentos pensados sobre aquelas aulas. Nessas reuniões nós acabávamos conhecendo melhor as outras turmas, devido aos relatos das nossas colegas e servia como uma possibilidade de conhecer melhor o trabalho e a competência de cada uma.

A ideia inicial era encontros semanais de reuniões, mas o trabalho foi muito intenso que precisamos diminuir e focalizar no processo da montagem mesmo, pois tínhamos pouco tempo de adaptação para conhecer o potencial e as possibilidades de cada individuo. Mas o principal era que não necessitávamos de tantas reuniões porque nossa coordenadora da escola estava sempre disponível a nos atender a hora que fosse então isso tornou mais dinâmico esse processo, era muito saudável e palpável trabalhar dessa forma. Então por isso e por muitas demandas de aula e desenvolvimento de cada uma delas a gente priorizava fazer os nossos planejamentos de aula e isso contribuiu consideravelmente para o final desse ciclo.

Para cada turma havia um objetivo específico e acima de tudo, muito pessoal e significativo, mas apesar das diferentes idades, deu para perceber que os problemas eram os mesmos, e as possibilidades de descartar o que não precisávamos, era muito pessoal, de cada professora. Pois a turma ficou muito parecida com modo de cada uma dar suas aulas, a turma refletia consideravelmente nesse jeito do professor ser em aula. É claro, problemas se tinha a cada instante, mas o modo que cada uma tratava sua turma era muito pessoal de ser, e as coordenadoras estavam ali para quando realmente necessitávamos, porque era muito importante passar o que estava acontecendo, mas realmente aprendi o que dava certo ou errado devido a entender e enxergar meus próprios desafios, pois

somos sempre o sujeito da experiência ou seja vivenciar os desafios porque cada um estava ali no seu aprendizado, no seu momento interagindo com o colega, cada um iria passar por aquela experiência devido a sua “bagagem” que estava levando consigo.

O trabalho foi pensado para se trabalhar com duplas por turma, mas cada turma era de responsabilidade de cada bolsista, assim eu e minha colega Priscila Ramos pensamos em trabalhar o esqueleto e a estrutura geral do trabalho juntas, ou seja, pensamos nas atividades de aquecimentos, jogos e brincadeiras e relaxamento para as turmas, mas é claro que o processo mudava consideravelmente de uma turma para a outra. Assim também foi um dos facilitadores de como lidávamos com cada turma e sabíamos que quando acontecia um imprevisto de chegar atrasada ou faltar para dar a aula por um motivo muito grave, uma professora tinha condições de dar a aula para a outra, porque conhecia muito bem cada turma. Eles já estavam adaptados com as duas professoras e com nossa própria metodologia de aplicação de aula.

Isso foi um grande ganho como docente, pois trabalhar em conjunto em um modo interdisciplinar, respeitando cada objetivo e possibilidade de avanço e pensamento de cada uma, isso foi o fundamental para que o trabalho avançasse e ganhasse essa dimensão que atingiu. Outro desafio é que muitas vezes observando os outros professores, percebi que esse isolamento entre as disciplinas, o grande desafio era como posso achar uma possibilidade de trabalhar em conjunto com meu colega de outra área, não perdendo o respeito e sim ganhando a admiração do colega, então devemos criar possibilidades de um entendimento concreto, onde cada um pode contribuir para o outro na sua forma mais completa de lidar com sua matéria, porque o diferencial de um trabalho é a base de como lidamos com ele.

O Admirável e o renovável é deixar se contagiar com essas questões de trabalho coletivo e a partir disso criar outra possibilidade de sustentar até o fim essa ideologia. Sabemos que lidar com a educação não é fácil, mas achar desculpas para justificá-la é triste, porque essa resposta já tem o resultado. Fechar-se no seu mundo é muito fácil, ampliar as possibilidades de um aprendizado é o grande desafio e, é grande quem tem esse pensamento e essa consciência clara consigo mesmo, fazer as trocas de conhecimento nos dará possibilidades.

Não devemos nos isolar por causa do conteúdo proposto para cada um na educação e sim ampliar o leque de desenvolvimento humano, se sou da arte posso dialogar com a história e com a matemática, trazendo significações de como é possível esse caminho. Aonde e como quero chegar naqueles alunos, tudo parte do objetivo que quero traçar naquela turma, devemos e temos que ter a clareza disso, ir a uma sala de aula sem uma bagagem de desenvolvimento de atividades é como ir num lugar que causa estranhamento, tem que ser planejado e executado sabendo que haverá muitos erros, porque errar é digno de toda nossa constituição humana. Muitas vezes somos enganados pela nossa paixão, no que somos envolvidos, então acreditamos que o mundo é perfeito e que tudo que penso vai ser realizado de uma maneira grandiosa e por muitas vezes nos decepcionamos com a realidade.

Analisarmos a idade dos alunos foi fundamental para o crescimento de todos, tanto educando como o educador, um trabalho muito mais de observação e investigação de como o outro age e reage dentro desse ambiente escolar. A falta de conhecimento do professor atrapalha e muitas vezes o excesso de conhecimento também, mas o grande ganho é ter a humildade de reconhecer qual é meu papel nisso tudo.

O que mais me chamou a atenção nesse processo foi o interesse deles no questionamento se danço ou brinco? Por que muitas crianças não dançavam se disséssemos que era apenas uma brincadeira ou um tipo de jogo. Cada idade se diferenciava também pela dinâmica de cada estudante, pois a idades dos alunos era de 9 a 12 anos de idade, a diferença estava na energia que eles distribuíam em cada experiência vivida.

Defender [...] o brincar na escola, por outro lado, não significa negligenciar a responsabilidade sobre o ensino, a aprendizagem e o desenvolvimento. Como nos diz Dolto (1999, p. 109), “as crianças necessitam de limites para sentirem-se em segurança, mas de limites que se devem apenas ao perigo real que suas transgressões implicariam para a integridade de seu organismo ou a dos outros”. (DOLTO apud FORTUNA, 2011, p. 122).

É na brincadeira que notávamos as possibilidades criativas de cada um, e o mais importante eles aprendiam muito através dessa dinâmica em grupo e assim

fomos criando sempre uma rotina estabelecida devido a ter se concretizado nesse sistema de aprendizagem.

Segundo Fortuna o brincar não é naturalmente progressista, pois contém tanto a possibilidade de tradição quanto inovação. É possível brincar de qualquer coisa, inclusive e especialmente com aquilo que faz parte do cotidiano. A preocupação com a mediação e o contexto da ludicidade é, por essa razão, fundamental.

Assim desde o início do projeto PIBID-DANÇA já estávamos conscientes de que o nosso produto final era a elaboração de um DVD, mas no início eu não tinha essa dimensão de que eu estava fazendo parte de um enorme trabalho a minha ideia era dar minhas aulas e saindo da escola o PIBID não faria mais parte do meu dia, mas não, foi pura ilusão, porque somos educadores em todos os momentos da nossa rotina, não há dois corpos e uma alma e sim há muitos caminhos e uma única possibilidade de aprendizagem.

Não posso e nem devo desvincular o que faz parte da minha construção como professora. A arte de educar faz com que crescemos não somente enquanto profissionais, mas nos modifica como pessoa, como seres humanos, capazes de lidar com histórias de vidas distintas às nossas ou mesmo semelhantes. Isso nos capacita e faz com que tenhamos mais orgulho e firmeza de nossa história e principalmente, da nossa caminhada como profissionais.

A arte da dança em todas as suas dimensões, mas principalmente no ambiente educativo, deve levar em conta a diferença entre bailarino ou bailarina que dança movendo seu próprio corpo e a responsabilidade do professor e da professora de dança em fazer mover os corpos de alunos e alunas. Ensinar e trabalhar com danças em outros corpos requer muita responsabilidade. Para tal [...] é fundamental o conhecimento deste corpo que vai ser trabalhado, de seu desenvolvimento neuropsicomotor e da didática adequada a cada situação apresentada, não se tratando apenas de um instrutor de passos previamente elaborados e sim de um professor ou professora devidamente preparado. (VARGAS, 2007, p. 36).

O planejamento do PIBID- DANÇA do 3º ano do ensino fundamental foi elaborado e realizado individualmente, cada professora em sua casa e somente

fizemos trocas de conteúdo, devido ao contexto diferente de cada aluno, mas foi fundamental trocar com a outra colega, porque muitas vezes estamos muito imersos naquele trabalho que não enxergamos nossos próprios erros, muitos emails e encontros pós-aulas nos ajudou a manter essa etapa do processo, mas muitas vezes as aulas já previamente preparadas não necessariamente davam certo, porque isso é muito comum em aulas de dança, pois planejar sempre, mas se vai dar tudo certo talvez, por isso a importância de se pensar em mais de uma atividade, ou seja, sempre pensar atividades extras, sempre mais é melhor do que não ter o que passar em aula.

Uma das grandes dificuldades de trabalhar em um projeto grande como esse é nossa disponibilidade de adequação com os horários da escola e com a grade da faculdade. Muitas vezes tive que mudar algumas aulas, adiantar algumas de outro semestre para dar conta dessa demanda. A adaptação não é somente com os alunos e sim com nós professores também, porque todos necessitaram de tempo e organização nas situações de deslocamento e espaço físico de aula, porque muitas turmas e pouco espaço físico que muitas vezes contribuía para a mudança dos horários, por isso fundamental nossas reuniões.

Portanto deu certo, porque pessoas estavam dispostas a mudar, desfrutando deste momento que a dança esta vivendo e viveu quando surgiu o programa. Muitas escolas e alunos docentes não acreditavam que iria dar certo, mas só se deram conta após nosso contato por mais um ano e assim por diante é que vai se estabelecer. Um programa desse nível não se pode terminar por nada, o que dá certo não se deve mexer, para criticar tiveram muitos, mas para idealizar foram poucos.

Na graduação o que me serviu de base foi todo aquele processo de fundamentação teórica, onde muitas vezes me sentia solitária em seu desenvolvimento, mas no final entendo que se não aprendermos com os erros não enxergaremos os acertos como ele deveria ser visto. Não entendia para que tanta teoria, já que somos de um curso de movimentação, mas se não há base teórica não teria essa fundamentação, e sim vejo que para entrar no PIBID tem sim que haver uma base mais profunda de estudos em dança na escola, ler mais sobre isso, não entrar logo que entra na faculdade, porque estamos tão cruas que não

conseguiríamos lidar com tanta demanda, no sentido de dar conta do que é a necessidade daqueles alunos, ao menos que já se tenha uma base de outras graduações ou cursos ai sim será válido a experiência.

O PIBID/DANÇA vem fazer esse elo entre a realidade e meio, a correlação entre referencial teórico e docência, por que tudo esta lá na fundamentação, vai de cada um interpretar para si, por que na graduação era muito fácil falar em teoria, mas como ensinar na prática se não está diretamente na realidade daqueles alunos. Precisamos mais envolvimento nas escolas desde o segundo semestre para que possamos entender mais o que esta acontecendo com aqueles alunos, mas a mente tem que ser mais aberta no corpo docente para que isso encaminhe adiante. Ficar mais palpável e maleável ajudará muito a compor esse projeto por mais tempo nas escolas. Essa é uma das grandes funções da escola atual é de seu compromisso com o conhecimento: relacionar, articular, tecer redes.

[...] O Mundo contemporâneo se configura e opera nas/ pelas redes de relações, “vivemos atualmente em uma cultura de redes comunicacionais que vem alterando não somente as relações [entre pessoas], mas também as relações [entre/ pessoas conhecimento]” (Marques, 1999, p.92 *apud* Marques, 2012, p.66).

A escola é um lugar por excelência para que o conhecimento seja exposto como o centro ou, seja, o interlocutor desses saberes, para que esse saber da dança sejam elos de relações entre as pessoas. É também a escola um lugar de encontros, do dialogo, das possibilidades de construção de redes de relações significativas.

Pensando assim podemos lembrar que também na escola, a possibilidade de inter-relações entre diversas linguagens é um fato, já que na escola, necessariamente, existem profissionais conhecedores das diversas linguagens.

O comodismo na dança é um dos fatos mais marcantes que já pude presenciar em alguns lugares, especialmente na escola formal. Acomoda-se a uma única forma de ensinar ou seguir cartilhas com propostas prontas, excluir corpos que estão fora de padrão das aulas de dança por seu biótipo não convencional, transferir



a responsabilidade do aprendizado corporal para o outro (“alunos sem flexibilidade”) são posturas que não são aceitáveis com a democratização do ensino.

Portanto, vejo que a escola precisa mais do que um caminho a seguir e sim uma transformação, transformar a ação, transformar, movimentar para além das formas. Se oferecer, por a mão na massa, o corpo na dança, produzir, ensinar dançando. O dialogo é condição das relações transformadoras, a escola se nutre do dialogo, também nutre relações transformadoras. Segundo Marques, 2012 A ensino da dança é primordialmente função da escola, não para a dança ser engolida por ela, mas para dança ter a oportunidade de transformá-la. (MARQUES, 2012, p. 71).

## **8 AULAS UMA LINGUAGEM CORPORAL E POPULAR.**

A história comprova que a dança em suas diferentes perspectivas e modalidades, sempre foi utilizada com inúmeras finalidades ao longo da existência humana. Para expressar-se e comunicar-se com sua comunidade o ser humano inicialmente fez uso de seu próprio corpo. Atualmente a linguagem verbal predomina sobre a linguagem sinestésica. Vargas (2007), sendo professora de educação física e dança, comprovou ao longo de sua experiência docente que muitas vezes a linguagem verbal não é tão eficaz na comunicação e na formação de nossos alunos e alunas. Por vezes é necessário retornar á linguagem básica do movimento para que possamos alcançar alguns objetivos que já não atingimos por meio dos métodos tradicionais oferecidos na educação formal.

A dança em geral pode ser entendida com uma linguagem não verbal, compreendida pelo movimento, gerando significados às vezes semelhantes e às vezes diferentes para quem dança e para quem assiste, colocando-a assim em outro patamar de linguagem que muitas vezes não pode ser compreendida de maneira verbal.

Minhas aulas tiveram muito dialogo corporal, ou seja, eu me expresso de maneira como o qual o ambiente que eu vivo, e nos últimos quatro anos eu vivi intensamente a faculdade de dança e fazendo muitos intercâmbios culturais e vivencias corporais de diversas danças, mas principalmente meu vocabulário é o popular. Trato minhas aulas como se tivéssemos conversando também numa roda de chimarrão, no sentido não muito formal, mas sendo dentro de uma instituição formal, muitas vezes as crianças não compreendiam minha linguagem ate mesmo verbal.

Para trabalhar com as crianças não significa que tenho que fazer igual ao outros professores, meu intuito era que as crianças tivessem muito mais vivencias em muitas danças diferentes, no sentido não tão clássico, não tão midiático do que continuar fazendo o mesmo de sempre, não que a rotina não seja importante, é e muito para eles, mas o diferencial de uma aula de expressão corporal é ter novidades.

Então desde o princípio pensei que minhas aulas deveriam ter minha cara, meu jeito de ser e de lidar com o mundo. Pensei primeiramente que não iria dar uma técnica específica, até porque não os conhecia ainda, a primeira aula é a mais esperada e a mais elaborada de todas, porque pensamos em tudo que pode e não pode dar certo. E se preparem porque exatamente o que eu pensava, não aconteceu o que eu esperava, nossa primeira aula virou três aulas do mesmo assunto, porque a dificuldade de concentração e conhecimento do próprio corpo era muito visível.

O trabalho começou bem devagar, sempre a cada proposta de aula eu levava um jogo ou uma brincadeira, até porque eram do terceiro ano do ensino fundamental, isso ainda significa que são ingênuos apesar do mundo dizendo que criança dessa idade não é mais criança é triste, mas o fato é que muitas vezes escutei isso nas escolas que passei. Depois que os conheci, vi que o trabalho tinha que se dado desde a base das dança, saber o que eles entendiam por isso, já que era um assunto novo colocar a dança no horário de outra matéria. Queria saber deles se entendiam essa transformação, esse projeto dentro de sua escola.

Mesmo elaborando as aulas num formato mais popular de ser, no sentido que eu não queria uma sala com cadeiras para eles sentar e sim que eles tivessem a vontade de sentar no chão, tirar os sapatos e mexer de verdade seus pés, porque na dança tudo e percepção, pudessem sentir o toque das mãos do colega, pois isso realmente era e é a maior dificuldade da dança ou na arte em si, o dar as mãos, o abraçarem-se, o rir sem debochar, é claro com essa idade a gente quer é mesmo “pegar no pé” do colega. Enfim, o trabalho foi gerando conhecimento do seu próprio corpo e na questão de que muitos eram tímidos e depois já não tinham vergonha nenhuma de se expor, acredito o que mais ficou das minhas aulas foi o desenvolvimento pessoal e relacionamento interpessoal, hoje sim estão mais velhos, agora na fase de transição da adolescência, a dança fez seu papel de abri-los para o mundo, mas espero que o mundo não os feche novamente, acredito muito que nessa escola vai sair muitos talentos para o meio artístico e pessoas com um potencial para qualquer profissão.

E sempre pensei em trabalhar a dança no seu meio mais amplo, no sentido de que não importava o estilo, mas é claro fiz uma pesquisa nas primeiras aulas e

pedi até uma tarefa de um desenho, de qual dança eles curtiam mais, uma aprendizagem, mais significativa. Até por eu querer e gostar de trabalhar as danças populares queria entender que tipo de dança eles conheciam e se entendiam se aquela dança podia ser popular.

Normalmente, a literatura da história da dança nos dá ideia de como os estilos sofreram uma transformação ao longo do tempo. Preferimos, no entanto, pensar que os “tipos” de dança se multifacetaram e se multi-influenciaram. Sobre esse entendimento de estilo de dança comenta Valle (2005 *apud* SOUZA; GARCIA, 2007, p.39).

[...] maneira como os bailarinos de diferentes épocas e países apresentam os elementos do movimento em sua dança. Estes elementos do movimento estão presentes em todas as danças, mas é a forma particular de como esses elementos são tratados e combinados que faz com que cada dança tenha uma identificação específica ou determinado estilo de um período ou local (p. 9).

A autora, ainda, afirma “[...] não se faz da noite para o dia. É um processo gradual e lento, quase sempre apresentando um estilo sobrepondo-se sobre o outro, de modo a permitir que o novo surja do velho” (p.9). Valle (2005 *apud* SOUZA; GARCIA, 2007, p.39).

Uma das melhores coisas que me aconteceu na graduação, foi existir um professor que trabalhasse com o meio popular do seu modo mais simples e verdadeiro que foi o professor Jair Felipe Umann, que nos trouxe dentro da sala de aula essa vivência e através de um projeto de extensão dentro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, isso é a base maior de um conhecimento, pois foi nas aulas que eu me fascinei por esse tipo de dança e também no meio mais popular falamos da cultura de um povo, do compromisso que nós enquanto jovens temos e devemos disseminar e mostrar a outras gerações, que nossa cultura, nossa dança está viva.

Buscar o conhecimento de determinada dança foi o fundamental para eu desenvolver o processo corporal e difundir o que eu realmente queria com meus alunos do ensino fundamental, e sim, vejo que conforme a série se muda a dinâmica

do trabalho, relaciona-se sempre com o contexto deles, sempre procurei saber onde moravam e o que faziam fora da sala de aula, porque achar que nossos alunos é somente aquilo que vemos, é se enganar profundamente.

Robatto (1994) comenta que [...] as diversas características culturais que influenciam as danças regionais, determinam as tendências das artes cênicas de cada época ou, mesmo, as escolas de técnicas corporais. Segundo Robatto nos apresenta classificações sobre dança popular: (ROBATTO, 1994, p.89, *apud* SOUZA; GARCIA, 2007, p.39).

Marcas de uma cultura regional;

Dança como meio;

Celebração a um evento da comunidade;

O resultado formal como um objetivo secundário;

Estética elaborada ao longo dos anos, numa evolução cultural (às vezes por gerações);

Busca da identidade comum;

Manutenção de traços característicos da sociedade que a produziu;

Atitude espontânea;

Criação anônima coletiva;

Participação de membros da comunidade com outras funções no cotidiano (amadores);

Tradição e aprendizado técnico assimilado pela vivencia e transformado pela dinâmica cultural;

Resultado: Prazer social via comunicação coletiva.

Acreditando nesse modo de ver a dança que abracei com muito empenho, assim levando essa experiência que tenho da dança no meio acadêmico, mesmo não me dando conta, antes de entrar no curso de dança, fazia parte de um grupo escolar de danças populares, mas achava que aquilo que dançava não tinha nada

haver com o que se referia à dança popular, mas tinha porque dança popular é uma forma de mostrar uma identidade, e nós tínhamos muitas referências do lugar que vivíamos.

Nesse grupo chamado brincantes do Paralelo trinta, assim como diz o nome somos brincantes, pessoas que acreditam muito na cultura de seu povo e brincam com isso de uma forma mais dançante, ou seja, na Universidade há um projeto de extensão aonde pessoas entram para dançar de uma forma não profissional e sim para se divertir e estudar sobre a cultura daquele povo daquela dança, estamos fazendo dez anos no ano de 2014 e continuamos dentro da faculdade trazendo um pouco mais do que chamamos de cultura ou dança popular.

Segundo Monteiro, a natureza dançante do povo brasileiro, cheio de “ginga”, musicalidade e ritmo não se coaduna com o papel secundário que a dança de palco desempenha no contexto da cultura brasileira. Com uma tradição artística em vias de consolidação tardia, tanto no que diz respeito ao ensino da dança quanto a criação e fruição de espetáculos, a dança enquanto linguagem artística, enquanto “belas-artes”, tem um alcance cultural infinitamente menor que a dança popular, cuja penetração pode ser medida pelo espaço que ocupa na via cultural do país, em escolas de samba, afoxés, mararatus, bumba-bois. (MONTEIRO, 2011, p. 13).

A partir desses contextos que vivenciei, fui à busca de conteúdos que poderiam me embasar mais nessa proposta de dança popular, eu não ficando contente com o resultado somente da faculdade, fui eu através do próprio trabalho com o PIBID apresentar no congresso de dança ANDA “Olhares na escola” na Bahia UFBA e no IV salão de dança aqui da UFRGS no ano de 2012. Já tínhamos tido uma mostra de como estava o envolvimento das professoras de outras escolas em outros estados do país.

Os depoimentos das professoras da rede municipal de Salvador e da UFBA Marília Curvello e Clarice Contreiras foram fundamentais para abranger o leque das minhas capacidades e estratégias de dar aulas de dança. Todas essas experiências dentro e fora da universidade foi o que me guiou para esse caminho da escola.

Antes entendia que não era capaz de desenvolver nada com a dança, mas já tinha essa afinidade com crianças, mas é claro o meu maior medo e desafio foi

entender o mundo dos jovens, o que era divertido de trabalhar, o que o diferente, e sempre pensando no que eu podia mudar nas aulas e mudar neles, os fazer crescerem num modo mais saudável e espontâneo de ser.

Em maio de 2013 continuamos o processo de dança na escola, fomos apresentar nosso projeto no III Congresso Nacional de Dança do ANDA (Associação Nacional de Dança), nesse espaço realizamos muitas trocas, principalmente com os alunos da UFBA, pois eram nossos anfitriões, só nos demos conta de que a um caminho maior a seguir, quando chegamos a tal lugar, a minha ida a Bahia só fortaleceu meu empenho em buscar conteúdo para minhas aulas de dança.

A experiência faz muito a diferença, falar da cultura de um povo de um lugar é um pouco complicado, porque cada um fala do jeito que viu ou experimentou, e só entendi isso quando estava diante de um povo de forte cultura e que deu início as nossas danças populares do Brasil. Sim cultivar uma dança popular, significa respeitar minha ancestralidade, respeitar o que meu povo antes de mim, fez por mim e fez por todos que acreditaram que através da dança se podia transformar aquela cultura.

A primeira coisa que fiz, depois de muitas horas de palestras nesse congresso foi procurar cada detalhe que tinha uma história relacionada a nosso povo negro e isso não é difícil na Bahia, pois foi lá onde tudo começou, nossa história, nossa origem, nossa raiz.

Para acreditarmos em algo, infelizmente no Brasil, precisa-se de um grande fato histórico ou uma enorme revolução, ou seja, porque a forma como a qual fomos colonizados e escravizados foi o que nos trouxe muitas das danças que hoje trabalho em minhas aulas, o Maculelê, a capoeira, as danças de roda, o samba,<sup>2</sup> todas elas tem a base fortemente vinda da escravidão, dos porões aonde eles eram jogados e foi um dos lugares que no Pelourinho, no mercado de escravos na Bahia

---

<sup>2</sup> Dança trazida pelos escravos da costa da África para a Bahia, em Santo Amaro da Purificação onde existe o tradicional Maculelê do Popó. Sua dança é formada por leves volteios, com os pés se levantando de acordo com as batidas das esgrimas, abertos ou fechados. Através da Capoeira os escravos se defendiam com o jogo para enfrentar os inimigos, imitando animais nesses movimentos, seu nome vem da geografia. Samba de roda é aquele que se desenvolve em círculo com uma ginga originária dos passos e o samba nasceu na década de 20 na escola de samba no Largo do Estácio no RJ. Com uma feliz fusão de três elementos distintos: a música popular urbana, o samba de roda trazido da Bahia e o Rancho que era a marcha. (Danças Populares Brasileiras, 1989, p. 174, p. 180, p. 208 e p. 210).

que não deixaram mais entrar, porque o lugar ainda tem marcas fortes da época, isso estava abalando muito moradores e turistas, porque não é uma história inventada de um povo e sim uma história massacrada de um povo, que lutava até o fim pra mostrar sua força.

Nessas subidas e descidas das ladeiras do Pelourinho e conversando com colegas da UFBA acabei conhecendo uma escola de dança técnica que era mantida pelo governo do estado, era uma das formas que os bailarinos/estudantes tinham de exercitar e manter seus conhecimentos teóricos fora da universidade. Nossa essa experiência foi uma das que ficou muito marcada em minha memória, pensava eu porque estar em outro estado e não aproveitar tudo que eu possa fazer na dança que eu acredito, no lugar da origem dela.

Experimentei duas aulas de dança afro, pois foi o tempo curto que tive, mas valeu por muitas aulas que tinha feito no RS, a partir daí acredito que somos muito sujeitos da ação, devemos apropriar-se de conteúdos e principalmente de questões que acreditamos e afinidades que queremos explorar. Depois de experimentar aquela dança que o soar do tambor me deixava com muita energia, fui à busca de como iria mostrar aos meus alunos esse contexto pelo qual passei.

Foi, no entanto que eu passeando pelas ladeiras, igrejas, mercado e museus, lembrei que os que meus alunos mais gostavam eram de apalpar objetos, pensei antes de chegar lá que queria algo que mudasse as aulas de dança, de uma forma que eu poderia puxar mais a atenção deles em aula.

Lembrei que gosto muito de fazer objetos sonoros reciclados, e precisa de um tambor para dar ritmo em nossas aulas, fui eu então e até as compras desses instrumentos, foi pensando em como meus alunos se sentiriam vendo aquele objeto, como era a estrutura e se era um som incrível, mostrar coisas novas faz a diferença em uma aula de dança, isso foi o que mais ficou pra mim, até hoje levo e é o divertimento da galera, porque eles querem mostrar para gente que são capazes de qualquer coisa nas nossas aulas. Ainda quero muito voltar na Bahia para fazer esse retorno, pois o trabalho nunca tem uma finalização total sempre há um retorno da experiência.



Assim nossas aulas foram tomando outros rumos, a partir dessa relação de intercâmbio com a vasta cultura popular Brasileira, mas no ano que foi começado o trabalho do PIBID-DANÇA isso não era ainda muito claro pra mim, eu queria trabalhar assim com eles, mas isso não significava que eles iam gostar e se eles iam compreender então meu trabalho primeiramente foi de pesquisar o que gostavam e inserindo aos poucos coisas novas, trabalhei muito a questão de roda, pra mim foi muito difícil trabalhar a dança em “espelho” com eles, pois quando se passa uma coreografia a professora pra facilitar fica na frente deles e de costas, acho que isso faz com que perdemos a conexão quando não se tem espelho nas salas de dança.

Trabalhei na dança dessa forma devido ao aprendizado das danças populares, na maior parte trabalhamos na Universidade no nosso curso de dança, dessa maneira, até porque trabalhei também nesse ano de 2013 muito mais as danças circulares, porque tive essa cadeira de danças folclóricas internacionais, abriu um maior conhecimento e achei que eles precisavam se olhar mais, pois não queriam mais nem tocar as mãos esse ano.

Então como a dança desenvolveu muito essa abertura para a criatividade, eles estão com muito mais energia e com muito mais expectativas, por estarem maiores e na fase da adolescência, das férias de verão até agora cresceram muito e isso modificou até o modo de eu agir em aula, não fiz mais nenhuma brincadeira no aquecimento e sim muito mais focado na estrutura corporal de alongar e exercitar os músculos. Foi nesse momento que resgatei o trabalho sobre o corpo humano que tínhamos feito no ano de 2012, eles tiveram que fazer um caça palavras de oito nomes de ossos corporais e pintar um esqueleto, foi uma das melhores aulas que pude presenciar.

## 8.1 A MONTAGEM

Tudo foi decidido em conjunto com todas as bolsistas do PIBID/ DANÇA nos encontros com a coordenadora Lisete Vargas e com a Supervisora Siomara Rosa, como já sabíamos o que iria acontecer, porque sabíamos que no PIBID já haviam decidido o produto final, ou seja, o espetáculo gravado no DVD de 2012.

No início do projeto ainda não pensava em coreografia, porque não trabalho montando coreografias e sim trabalho de uma forma mais popular no caso já levava danças que já tinham passos pré-determinados aprendidos nos grupo de extensão Paralelo trinta, porque essas danças já tem um contexto específico devido à cultura daquela dança. Foi depois de uns bons dois meses dando aula que eu comecei a pensar e trabalhar a coreografia. Assim pesquisando com eles em sala de aula, foi decidido em todas as turmas o tema desenho animado, porque é um assunto de fácil acesso a eles e bem amplo para escolher um e não ter a coincidência de repetir com outra turma. Mas pesquisamos entre filmes, músicas e seriados, nesse momento tivemos algumas apreciações, para poder escolher o que queríamos.

Esse assunto do desenho animado por ser próximo deles se tornou um trabalho bem prazeroso, mas como tínhamos muito pouco tempo e eu ainda não tinha trabalho com uma montagem coreográfica para crianças, então foi que decidi pedir autorização para professora Maria Luiza Cunha de adaptar a coreografia dela no nosso espaço. Pegar a base toda da coreografia era um desafio porque eu tinha feito com a professora e somente com um aluno, ela tinha passado tudo pra eles, então eu não tinha noção se sabia repassar sozinha, porque tínhamos pouco tempo, porque uma montagem com ensaios de um mês significava seis aulas de 50 minutos somente, isso na realidade escolar é muito pouco.

Muitas vezes conseguimos fazer uma atividade apenas, porque quando se trabalha com turmas grandes a tendência é de perder alguns minutos do inicio da aula para eles se acalmarem, ate porque nós tínhamos um grande problema: eles vinham do recreio, então era aquele agito sempre. Uma coisa que era bem complicado é que o dia da dança é no mesmo dia da educação física, isso nós prejudicava porque eles queriam continuar jogando bola dentro da sala de aula, ou queriam fazer a mesma bagunça que estavam fazendo no recreio, porque a educação física não tem o mesmo sentido de que no final da aula tem que se fazer a volta calma como fizemos na dança, se eles não tiverem esse tipo de rotina, essas regras o trabalho não rendem nada.

O humor de uma turma depende de como eles são tratadas na sala com a professora titular e como são respeitadas na escola. Porque não podemos pensar neles como seres únicos e sim com muitas diferenças e inquietações e que muitas vezes somos mais do que professoras, somos amigas, psicólogas e mães.

No entanto tudo isso de nenhuma maneira podíamos nos afetar, porque acima de tudo devemos sempre mostrar nosso profissionalismo. A cada aula, pensava em continuar as outras propostas que tinha pensado outros embasamentos teóricos, que muitas vezes ficava vago, principalmente quando se fala de dança que conta um fato histórico. Mas só foi possível no início do primeiro semestre desse ano e concluindo nesse semestre.

A partir da escolha do tema eu levei alguns vídeos de dança e o primeiro foi do Rei leão, pois a coreografia da Malu era esse assunto, então só foi eles olharem o desenho, pois eles gostaram tanto que nem teve muita escolha já partimos para a coreografia, mas eu fiquei com muito medo de não atingir a meta, as expectativas de todos, porque a aula não podia ficar somente nisso e sim tínhamos que fazer mais aulas de outros temas porque tinha outros déficits de aprendizagem.

O desenvolvimento da sensibilidade era uma das minhas maiores vontades, que eles saíssem de lá com outra consciência corporal afetiva, de que a dança podia propiciar isso a eles. Ate porque a dança não sobrevive só na coreografia, ela é um fechamento do processo.

O foco foi à coreografia, mas as vivências é o que mais significou no trabalho todo e nesse pouco tempo em saber que eles conseguiram aprender a coreografia em pouco tempo sem ter tido aquela rotina de dança, mas como toda escola essa não seria diferente até porque tinham mais condições financeiras e por estar localizada num bairro nobre.

Segundo María Fux (1983) Quando somos crianças necessitamos movimento, porque movendo-nos expressamos nossa vontade de rir, de chorar ou de brincar. À medida que crescemos nosso corpo, pelos tabus de uma civilização que corrompe nossa necessidade de expressão, perde cada vez mais o desejo de mobilização. É ai que devemos recorrer já adultos, a experiências para “melhorar o físico” em academias de ginástica, onde, sem pensá-lo, não só melhoramos como descartamos a energia acumulada por tantos “não” impostos.

Mas, que maravilha seria se soubéssemos comunicar-nos com nosso corpo, estimulados pelo desejo de expressar-nos com a música ou sem ela, mas fazendo do corpo um instrumento de comunicação entre o que queremos fazer, entre o que podemos fazer e entre o que vamos descarregando para podermos nos expressar. Vamos começar agora com a motivação expressiva do movimento na idade pré-escolar. (FUX, 1983, p. 67).

Toda essa realização não seria possível se eles não fossem o sujeito da ação e da experimentação, assim como para mim era tudo novo, para eles mais ainda, porque até então não se ouvia falar de dança no currículo escolar. A mudança ocorreu a partir dessa inserção de projetos voltados para esse tipo de empenho.

Mas não parou por aí a proposta esta lançada fazer uma coreografia para a gravação do DVD e para os pais se orgulharem dos filhos, mas não se faz tempestade sem chuva, não é mesmo, o nosso trabalho foi muito maior, porque não tínhamos tanto recursos, tivemos que fazer toda a compra dos tecidos e colocar a mão na “massa” para fazê-los, foi então que descobri que realmente não sou muito dos trabalhos manuais e sim de estar em cena, no palco, trabalhando com os alunos na sala de aula.

Foi muito prazeroso, mas ao mesmo tempo muito trabalhoso, levamos dias umas ajudando as outras, porque tínhamos um valor X de gastos, então tivemos que pesquisar muitos tecidos e preços para que não saísse do orçamento e sim isso na escola é um problema, porque tínhamos que pensar em todas as bolsistas eu não podia gastar mais do que minha colega, ou exceder nas compras porque queria o melhor tecido, tínhamos que ser objetivas, isso mostrou o nosso compromisso com o coletivo mesmo.

A dança na escola não se faz sozinha, porque sem a colaboração de todas as coisas não rendiam. Foi um enorme aprendizado em todos os sentidos, de colaboração de percepção de humildade e respeito. As crianças já tinham aquela rotina estabelecida, a gente já sabia a hora de “agitar” e a hora de prestar atenção na aula, por exemplo, quando colocava uma música mais lenta eles já sabiam que podia ir deitando no chão, fechando os olhos e relaxando. Por isso acredito que as reuniões eram válidas por isso, achar que com elas perdíamos tempo, o tempo precioso de estar em sala de aula, até pode ser, mas estávamos ganhando nas trocas de aprendizados juntas. Muitas vezes a minha dificuldade era o mesmo de outra colega com crianças de idade diferente. As trocas de planos de aulas, de atividades ajudavam muito as novas colegas.

[...] Pensamos que a participação dos educandos nas atividades de sala de aula e na elaboração de suas apresentações desde os movimentos coreográficos, até os figurinos e cenários deverá sempre efetiva e constante, pois acreditamos que somente desta forma a atividade pode ser formadora. (VARGAS, 2007, p. 10).

A troca de experiência é fundamental para o reconhecimento no outro na participação de suas atividades, trazer a experiência do outro docente com mais entendimento em tal situação, só nos beneficiou e nos proporcionou muitas trocas de verdadeiros conhecimentos, muito gratificante ter as reuniões devido as situações diferenciadas que vivíamos naquela escola.

## 8.2 APRESENTAÇÃO/IMPACTO

Um dos momentos mais esperados daquele semestre era a apresentação, não sei se estava mais nervosa ou ansiosa naquele dia do que eles lembrar os fatos é como mexer novamente nos sentimentos mais significantes daquele dia. Todo cuidado era olhado e analisado, tivemos que arrumá-los e maquiá-los, foi um acorreria, mas no fim deu tudo certo.

A maior gratificação foi ver o sorriso deles cativando a todos nós, o orgulho e a dedicação que deram nos últimos ensaios foi de extrema relevância.

Apesar de terem tido muito pouco tempo de ensaio e aulas, pois o semestre passou muito rápido.

Essa apresentação reuniu todos no salão da escola no mês de dezembro. Professores, coordenadores, funcionários, pais e alunos. O que mais me chamou a atenção foi que eles são muito participativos nos eventos da escola, sempre na maioria das atividades escolares os pais sempre estavam presentes.

Acredito que é devido à localidade desse bairro, por ser perto do centro, facilita o deslocamento. Assim os pais são mais presentes em tudo na escola.

[...] Para os praticantes, a apresentação ao público é o momento em que a realidade se faz diferente e a fantasia de ser artista deixa-os muito orgulhosos, assim como familiares, professores e professoras, e a toda a comunidade. (VARGAS, 2007, p. 10).

O maior impacto gerado foi na apresentação, pois foi aonde eles realmente acreditaram que os alunos estavam dançando, até então os corredores era um silêncio, porque sabiam muito pouco o que iríamos fazer, as professoras viam e falavam, aquele aluno tal é assim, como você consegue lidar com ele na aula de dança, porque na minha aula ele não faz nada. Esses assuntos de comportamento sempre foram assuntos de horário de intervalo de professores, ficar dentro da sala

dos professores, é muito interessante, porque com os desafios deles acabamos aprendendo junto e nos qualificando para melhor atendermos nas nossas aulas. Outra coisa importante é valorizar o que o professor da outra matéria esta dando e tentar encaixar no contexto que estamos também trabalhando, focar na interdisciplinaridade é um caminho generoso na escola.

O retorno dos pais pós-apresentação foi emocionante, através desse impacto escolar da dança na escola Presidente Roosevelt foi o que nós levou a continuar o projeto e abriu as portas muitas outras vezes na escola. Acreditaram no nosso potencial e nos deram mais possibilidades de trabalho, nos valorizando e nos respeitando. No DVD do PIBID ficam bem claros os depoimentos dos pais e alunos.

### 8.3 DEPOIMENTOS

Supervisora do Projeto Professora Siomara Rosa:

Chegou o curso de dança para enriquecer o trabalho na escola, foi bem aceito pelos alunos, professores, os alunos adoram as aulas. Já sabem que as aulas começam nas terças e quintas feiras, eles já vêm preparados para as aulas de dança. Estão muito mais felizes, porque eles sabem que é um momento de descontração diferente da sala de aula. Um dos momentos que eles extravasam, gastam todas as energias brincando e se divertindo com os colegas, esse programa venho então mesmo para enriquecer a nossa escola junto com os professores. Pois sabemos que esse projeto tem uma extrema importância, onde nos como professores sabemos que nos do magistério, encontramos professores desmotivados, então venho nos dar uma energia, mexendo assim com todos os professores. Pra aqueles professores que acompanham, sabe o quanto ta sendo importantes as atividades saindo da rotina de sala de aula. Os pais sabem reconhecer bem onde os alunos estão vivenciando e valorizam muito isso na escola, porque muitos devido a classe social não teriam condições de pagar uma escola particular. Foi um grande ganho para escola e para o trabalho docente das professoras pra muitas foi o primeiro contato e pra outras já tinham uma experiência. A importância do projeto é ver a realidade da escola que muitas vezes se encontram com a realidade de usar o radio e a sala que se tem, mais as coisas vão se adaptando conforme a escola e isso é um ótimo aprendizado pra quem não reconhece essa realidade. (08min13seg. à 12min)

Alunos Andressa e Mauricio do terceiro ano do ensino fundamental:

Na aula tinha um esqueleto que mostrava o que a gente tinha que fazer no corpo. O Mauricio falou que faziam movimentos com as pernas, braços e cabeça conforme a ualá do esqueleto, onde eles colocaram nome neles. Também tinha a bola falante que tinha que passar na roda um para o outro e somente falava quem tinha ela é o poder da fala. A professora Daisy é muito legal, muito engraçada, ela brinca com a gente, nos ensinou a fazer um instrumento um chocalho chamado pau de chuva e a construção do nosso esqueleto. A Andressa diz que a professora é muito legal e ensinou muitas brincadeiras diferentes. (22min44s a 24min11s). DVD PIBID /Dança.

Fala Letícia Rodrigues dos Reis Mãe do aluno Mauricio:

O que foi a dança pra ele, foi uma visão diferente pra ele, antes quando falava de dança era coisa de menina isso não é pra mim, e ele agora descobrir um universo completamente diferente. Descobrir a coordenação motora o friozinho na barriga no dia da apresentação, o será que vou ficar bonito, será que vou acertar, não vou esquecer-me de tudo o que devo fazer na hora, as aulas de dança se tornaram o tão quanto mais importante do que as aulas de matemática pra ele, do que a hora da educação física, da hora de brincar, correr a dança se tronou igual par ele, do que o futebol. Ele viu o universo que ele pode ser aquele jogador de futebol e também dançar. O dia do espetáculo foi emocionante e foi um espetáculo mesmo, foi lindo mostrou que a dança não é um universo único, e sim de todos nos, e ver um espetáculo de crianças e se emocionar, agora ele tem visão diferente quando vê um espetáculo na TV. (35min52 s. à 37min53 s). DVD PIBID-Dança.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo que esse trabalho poderá contribuir significativamente para novas propostas de dança na escola e principalmente para nossas colegas graduandas de dança que estão fazendo seus estágios e iniciando sua prática docente.

Essa vivencia e trocas de professores, funcionários e alunos só venho a contribuir com meu processo profissional, agora tenho a plena certeza se após minha formação é realmente isso que quero continuar a trabalhar nas escolas.

Penso que esta pesquisa pode contribuir, com outros estudos já realizados por pesquisadores de dança, por que o PIBID é recente na dança, somente desde o ano de 2012 foi inserido nas escolas conveniadas. O contexto escolar é um dos meios mais provocadores e impressionantes de trabalhar, não existe meio termo ou se gosta ou não se gosta de estar lá.

Sugiro através de meu trabalho que se tenha mais pesquisas sobre esse assunto, porque somos de um curso de Licenciatura em Dança e foram muito poucos trabalhos nesse assunto, relacionado ao ambiente escolar onde futuramente iremos atuar.

Cabe muitas vezes aos professores de dança escolher seus métodos de ensino, seu jeito de trabalhar, mas sem caracteriza-lo como verdade absoluta.

Espero que nossa entrada nas escolas não nos acomode. Devemos continuar, pesquisando, reciclando, estudando as tendências e nos questionando permanentemente. Porque entrar na escola é fazer a diferença, não é uma ação das mais fáceis, mas entrar e continuar fazendo a diferença vai ser essencial.

A conscientização de que existem muitas danças e diversas possibilidades, foi um dos momentos que mais marcou nesse trabalho, pois eles conseguiram profundamente chegar ao ponto que eu queria ver, o que curtir mais as danças sem aquele medo de serem julgados. Dançar sem que fossem estimulados a parar de fazer, porque o que acontece muitas vezes na escola é a desmotivação de um trabalho, não é porque o aluno tem dificuldade que isso vai abalar todo o processo, muitos precisam de tempos de aprendizados diferentes de outros.



Assim começamos a fazer um trabalho de apreciar mais os colegas e ter sua opinião da autocrítica, mas de uma maneira construtiva. Eles adoram falar e dar dicas de como melhorar a dança do colega.

O que mais marcou foi o reconhecimento de que existem muitas cadeiras no curso de Licenciatura em Dança da UFRGS que de forma alguma devem ser retiradas do currículo, um exemplo claro são as cadeiras de Metodologia do Ensino da Dança e Tópicos em Dança na Educação Infantil, como tirá-las se elas são o embasamento teórico de nosso desenvolvimento nos planos de aula e na escola.

## REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 516 p. Tradução de Pedrinho A. Guareschi.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte (5º a 8º série)**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CORRÊA, Josiane Gisela Franken. **Dança na escola e a Construção do Co (rpo) letivo**. Porto Alegre, 2012. 138 p.

FORTUNA, Tânia Ramos. Sala de aula é lugar de brincar? A importância do lúdico no planejamento. *In: Maria Isabel H. Dalla zen e Maria Luisa M. Xavier (Org.)*. **Planejamento em destaque: Análises menos convencionais**. Porto Alegre: Mediação, 2011. 152 p.

FUX, María. **Dança experiência de vida: As aulas através das idades**. São Paulo: Sumus, 1983.p. 142.

MARQUES, Isabel. Oito razões para ensinar dança na escola. *In: ICLE, Gilberto (Org.)*. **Pedagogia da arte: entre-lugares da escola**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2012. v. 2, p. 57-72.

MONTEIRO, Marianna Francisca Martins. **Dança Popular: espetáculo e devoção**. São Paulo. Terceiro Nome, 2011.p.231.

SOLETTI, Rosangela. **Projeto Político Pedagógico** da EEEB Presidente Roosevelt, 2012.p.15.

SOUZA, Andréa Bittencourt de; GARCIA, Ângela. Desenvolvimento. *In: \_\_\_\_\_*. **A dança nos contextos de Educação Física** Canoas: ULBRA, 2007. p. 35-39.

\_\_\_\_\_. A dança e a formação do artista. *In: MORANDI, Carla;*

STRAZZACAPPA, Márcia. **Entre a arte e a docência: A formação do artista da dança**. Campinas, SP: Papirus, 2006. p. 11-67.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. **Dança na educação infantil e séries iniciais: E.E.E.B. Presidente Roosevelt**. Porto Alegre, 2012. 1 DVD.

VALLE, Flavia Pilla. Pibid e a experiência da dança no currículo. *In*: BELLO, Samuel Edmundo Lopez; UBERTI Luciane (org). **Iniciação à docência**: articulações entre ensino e pesquisa. São Leopoldo, Oikos, 2013. p. 99-110.

VARGAS, Lisete Arnizaut Machado. Entre aulas assistidas e aulas dadas: como está a formação de professores de dança na UFRGS. *In*: BELLO, Samuel Edmundo Lopez; UBERTI Luciane (org). **Iniciação à docência**: articulações entre ensino e pesquisa. São Leopoldo, Oikos, 2013. p. 111-124.

VARGAS, Lisete Arnizaut Machado. **Escola em dança**: movimento, expressão e arte. Porto Alegre: Mediação, 2007.

ZANCAN, Rubiane Falkenberg. **Sensibilidade e crítica ao ensino de dança na escola**. *In*: Seminário de arte educação: Anais do 23º Seminário de arte e educação: Arte: mediações, compartilhamentos, interações. Monte Negro, Fundarte, 2012.

**APÊNDICE A - PLANOS DE AULA****UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL****ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA****LICENCIATURA EM DANÇA****PIBID DANÇA****PROFESSOR RESPONSÁVEL:** Lisete Arnizaut de Vargas**ALUNO:** Daisy R. de Souza Reis

PLANO AULA-1

**Dados de identificação:**

- Instituição: UFRGS - ESEF
- Curso: Licenciatura em Dança
- Disciplina: Bolsa Pibid
- Turma: 3º ano
- Data: 21/8/12
- Horário: 10: 00 às 10: 50

**Tema da aula:**

- Apresentação da turma, através de brincadeiras em atividades corporais.

**Objetivo geral:**

- Estimular a apresentação de cada aluno e vivenciar exercícios corporais.

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS (CONTEÚDOS)**

- Aquecimento do corpo através da brincadeira do escravo de Jô, com um objeto pessoal na minha mão vou pedir para o aluno desse objeto se apresentar.

- Estimular através da brincadeira, percepção visual e sonora, coordenação e ritmo.

- Escravo de Jô no corporal, (para sentirem no seu corpo o ritmo).

- No ritmo da música da pipoca (pop poc), estimular a contagem das pausas, alternando para movimentos, deixando a criatividade livre (saltos e pulos).

- Separar em dois grandes grupos, meninos verso meninas. (um grupo executa o movimento e o outro observa).

#### **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

- Aquecimento explorando o objeto e estimulando a percepção do outro.

- Estimular o jogo em sala de aula.

- Execução dos passos da brincadeira, percebendo o espaço e o tempo.

- Espalhados pela sala, explorar os movimentos elaborados por eles.

- Relaxamento no grande círculo um abraço coletivo, se observando e deixando voltar a respiração ao normal.

**CRONOGRAMA (DURAÇÃO):** 50 minutos

#### **RECURSOS MATERIAIS**

- Sala ampla

- Aparelho de som com entrada de pen drive.

- objetos (estojos ou canetas).

Tempo	Descrição da Atividade	Conteúdos	Músicas
15 min.	Aquecimento na apresentação (explorando a o nível corporal e maior parte possível do corpo).	Aquecer o corpo em geral	Escravo de Jô cantado.
10 min.	Perceber diferentes possibilidades de brincar com essa música.	Passo básico (lateral, trabalhar o olhar e o tempo, lento ou rápido)	Mesma música
10 min.	Estimular na musica a pausa e movimentos alternados em saltos e pulos.	Contato corporal; Criatividade e consciência corporal, (leve, pesado)	Música pop poc da pipoca pipocando
10 min.	Em dois grande grupo, espalhados pela sala, treinar o ritmo da musica, alternando um por vez.	Coordenação; Agilidade e Aguçar a percepção corporal;	Pipoca pipocando
5 min.	No grande círculo contato geral, para finalizar a aula.	Relaxamento observando o outro e respiração.	Silenciando.

**OBSERVAÇÃO:** Boa participação de todos, mas o primeiro momento foi muito bom, me receberam de braços abertos e curiosos com o que íamos trabalhar. Foram bem espontâneos e falantes.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**LICENCIATURA EM DANÇA**

**PIBID DANÇA**

**PROFESSOR RESPONSÁVEL:** Lisete Arnizaut de Vargas

**ALUNO:** Daisy R. de Souza Reis

**PLANO AULA 17**

**DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:**

- Instituição: UFRGS - ESEF
- Curso: Licenciatura em Dança
- Disciplina: projeto Pibid
- DATA: 23/10/2012

Tempo de duração da aula: 50 minutos

**TEMA DA AULA:**

- Estudo do Esqueleto

**OBJETIVO GERAL:**

- Aproximação dos alunos através do conhecimento do corpo humano, utilizando conhecimentos já adquiridos em suas aulas teóricas.

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS (CONTEÚDOS):**

- Aquecer e alongar as partes do corpo;
- Conhecer brevemente o nome de cada parte do esqueleto;
- Conhecer o que entende como corpo humano;
- Interação com os colegas;
- Brincar com possibilidades de movimento que o esqueleto pode fazer.

**PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:**

- Apresentação no grande círculo de um esqueleto de silicone, explicar por partes cada nome de cada parte.

**RECURSOS MATERIAIS:**

- Sala ampla; Aparelho de som e CD, DVD e TV.

**ATIVIDADES PREVISTAS:****1) Apresentação Para Alunos: 25 min.**

No grande círculo apresentar o magrelo o esqueleto de silicone e cada aluno devem mexer em uma parte do esqueleto, aonde querem que mexa o seu corpo.

**2) Brincar com o corpo: 25 min.**

Brincamos como caminhar nos ísquios e fizemos relaxamento com a borboletinha e depois esticamos pernas e costas.

**AVALIAÇÃO:**

- Participação e disponibilização.

**Observação:** Uma das aulas mais concentradas, pois todos queriam aprender os nomes das partes do esqueleto que são muito importantes na dança, foi muito divertida por ter o objeto, mas muito silenciosa.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**LICENCIATURA EM DANÇA**

**PIBID DANÇA**

**PROFESSOR RESPONSÁVEL:** Lisete Arnizaut de Vargas

**ALUNO:** Daisy R. de Souza Reis

**PLANO MINI AULA-18**

**DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:**

- Instituição: UFRGS - ESEF
  - Curso: Licenciatura em Dança
  - Disciplina: Danças Populares Turma: U
  - DATA: 25/10/2012
- Tempo de duração da aula: 50 minutos

**TEMA DA AULA:**

- Coreografia Rei leão

**OBJETIVO GERAL:**

- Iniciação a coreografia, vivenciar os passos básicos, possibilitar de forma divertida a experimentação das características do desenho animado.

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS (CONTEÚDOS):**

- Aquecer e alongar as partes do corpo;
- Conhecer breve histórico e características do estilo;
- Possibilitar a vivência dos passos básicos e variações dessa coreografia;
- Conhecer a contagem musical.

**PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:**

- Apreciação de vídeo; aquecimento e iniciação da montagem de forma expositiva; Execução dos passos básicos do rei leão.

**RECURSOS MATERIAIS:**

- Sala ampla; Aparelho de som e entrada para pen drive CD, DVD e TV.

**ATIVIDADES PREVISTAS:****1) Apreciação do Histórico através de Vídeo: 3 min.**

Acomodados nos colchonetes todos assistirão o vídeo elaborado pela professora contendo um breve resumo da coreografia em desenho do rei leão (estilo musical e dança).

**2) Iniciação a coreografia : 40 min.**

- **Conhecer** a contagem musical: Ouvir e tentar contar a música em voz alta de forma a perceber esse estilo;  
Desenvolvi passo á passo a coreografia, trabalhando principalmente deslocamento e diagonais e trocas de lugares.

**3) Relaxamento: 5 min.**

- Em roda faremos um jogo de merequete e merequetá. Uma brincadeira de roda cantada.

**AVALIAÇÃO:**

- Levará em conta a participação e a vontade de aprende.

**Observação:** Ensinar uma coreografia é o grande auge de uma aula de dança, pois eles reclamam no início, por que achavam difíceis os passos tão simples, mas porque julgam antes de conhecer, mas com essa coreografia percebi o quanto é gratificante e prazeroso trabalhar assim, tendo essa dinâmica, pois já chegavam à aula sabendo os passos, treinavam em casa, resolvi usar um desenho que todos conheciam e gostava e que dava para ambos os gêneros dançarem e que eu poderia misturar os gêneros em duplas, foi a melhor experiência que tive, tanto pra mim, quanto pra eles, o resultado final foi o mais que esperado. Uma troca mesmo de confiança deles comigo e eu para eles.

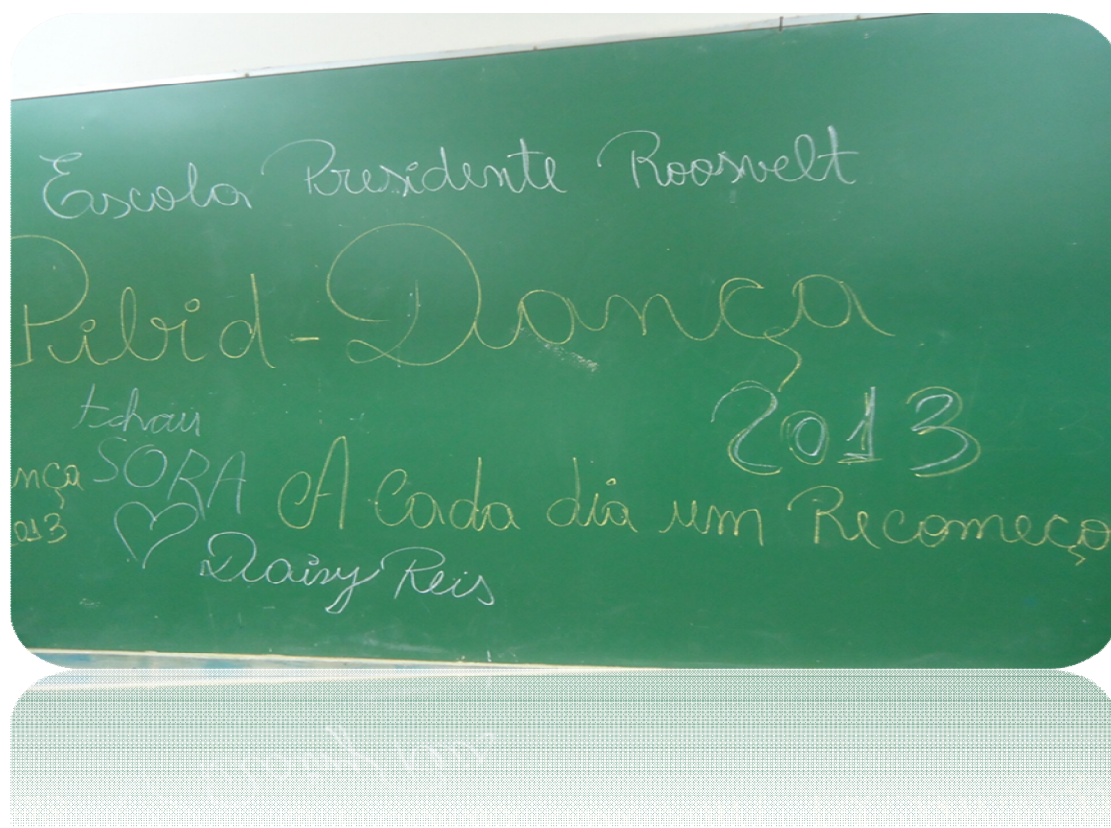
## APÊNDICE B - FOTOS DO PROCESSO

### PRIMEIRA AULA DO PROJETO PIBID REALIZADA EM 21 AGO. 2012





**ENCERRAMENTO DAS AULAS DO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2013**



**SEGUNDO SEMESTRE DE 2013, ENCERRAMENTO DO ANO.**